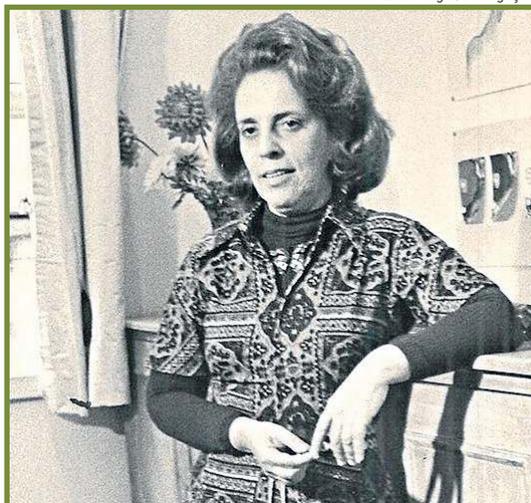




Instituto Zuzu Angel/Divulgação



A estilista Zuzu Angel lutou para descobrir o que tinha acontecido com o filho

“Droga é preconceito e falta de informação”

Há quem diga que as mães sempre sabem tudo sobre a vida dos filhos. Percebem os detalhes e reparam nas entrelinhas. A assistente social e empresária Tatyane De Camargo, 45 anos, concorda. Quando seu filho Ricardo começou, ainda cedo, a dar sinais de atraso no desenvolvimento, ela desconfiou. “Mãe não se engana. Sempre notei algo diferente nele, mesmo que meu marido e a pediatra dissessem que não era nada.” Mais tarde, a família descobriu que o pequeno possui uma desordem genética rara, chamada síndrome de Sotos, responsável pelo atraso neuropsicomotor.

Taty, como é conhecida, é chegada em tranquilidade. Curte a aromaterapia e adora criar cosméticos naturais, hobby que até transformou em negócio. Porém, quando as crises convulsivas do filho começaram, aos três anos, foi difícil não sentir apreensão. Devido à síndrome, ele desenvolveu epilepsia e, nos momentos de instabilidade, machucava-se excessivamente. Esse, sem dúvida, era o maior desafio para a família, já que as crises eram recorrentes e diárias, mesmo com a polimedicação.

Ricardo acumulava cortes, hematomas e cicatrizes por conta das pancadas e das quedas. Inconformada com o sofrimento do filho e após ler que muitas crianças tinham melhoras na qualidade de vida e no controle de crises com o uso da cannabis, a mãe resolveu tentar o tratamento. No início, importavam o óleo, mesmo sendo caro, e o processo, burocrático. Houve melhora, mas as crises permaneceram.

Em 2019, o pequeno passou muito mal — teve mais de 100 crises convulsivas e foi parar na UTI. Por meio de uma associação de pais atípicos, tiveram acesso ao óleo integral (também chamado de “full spectrum”), que mantém todo o fitocomplexo naturalmente produzido pela planta, e optaram por usar. “Não senti receio e não liguei para qualquer eventual julgamento. Em primeiro lugar, estavam meu filho e a expectativa e esperança de que ele melhorasse”, recorda Taty.

A melhora foi rápida e significativa. Prova disso é que as incontáveis crises diárias foram reduzidas a zero. Como a família já tinha todos os documentos e laudos necessários para solicitar o direito ao cultivo da planta em seu apartamento, decidiram judicializar. Em 2020,

em uma única audiência, a juíza concedeu o salvo conduto para cultivo e extração do óleo de cannabis. Antes da vitória, a assistente social pôde contar com o apoio de outras mães que passavam pela mesma situação. Integrou, com duas colegas, o Mães Canábicas do DF.

O grupo não foi para a frente, pois, segundo ela, a vida das mães atípicas é muito corrida, mas a mobilização para que outras famílias possam ter acesso aos efeitos terapêuticos da cannabis continua. Além disso, é preciso tratar o assunto da forma mais natural possível. “Certa vez, ouvi de uma pessoa próxima que eu estava me expondo demais, que estava expondo muito o Ricardinho. Mas foi por causa da exposição de outras mães, lá no passado, que chegou a mim a informação de que meu filho poderia melhorar com a cannabis. Por isso, acho importante falar e contar um pouco da nossa jornada”, reforça.

Personalidade forte

Taty conta que Ricardo tem uma personalidade forte e decidida. “Puxou de mim.” Hoje, com 11 anos, é considerado pela mãe uma criança feliz, amorosa e muito conversadeira. É daqueles que adoram investigar e perguntar sobre tudo, características que, para ela, revelam uma veia jornalística. Além de curioso, é bastante carinhoso e não perde a oportunidade de dar abraços e beijos em quem gosta.

“Os desafios ainda são vários, como a alfabetização e a inclusão em todos os ambientes, mas, hoje, me sinto muito feliz e realizada por ver meu filho avançando, principalmente por ter autonomia e controle do manejo do cultivo e extração para produzir o seu óleo”, diz. Com o tratamento com a cannabis, ele está muito bem. Ainda toma remédios, mas a dosagem não aumenta há tempos.

Ademais, ganhou maior independência; a fala, o cognitivo e a parte motora melhoraram consideravelmente. Agora, ele, seus pais e sua irmã mais velha, Duda, têm mais tranquilidade e qualidade de vida. Para Taty, em sua casa, maconha é remédio e qualidade de vida. Droga é o preconceito e a falta de informação. Aos risos, ela finaliza: “mãe faz tudo por seu filho, até plantar maconha na varanda do apartamento”.